

Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



O que Lisboa deve a Pezerat, engenheiro da Câmara,

Nestor Fatia
Vital

através de uma
memória de 1865*

Nas deambulações pelos alfarrabistas, por vezes sucede encontrarem-se obras, ou simples folhetos, como no caso do tema de hoje, muito interessantes e pouco vulgares que à distância dum século e meio nos dão uma perspectiva curiosa da evolução que os projectos urbanísticos tiveram e do tempo que lhes foi imposto para a sua aplicação, se realizados.

Pedro José Pezerat engenheiro, nasceu em França, em 1800, e concluiu a formatura, na Escola Politécnica de Paris em 1825, nesse mesmo ano seguiu para o Brasil onde exerceu o cargo de engenheiro e arquitecto do imperador D. Pedro que o condecorou com o grau de oficial do Cruzeiro do Sul e da Ordem do Cavaleiro da Rosa, além de lhe ter conferido a patente de major de engenharia.

* Comunicação à Comissão de Estudos Olisiponenses em 25.XI.2005

Em 1840 veio para o nosso país, contratado pela Câmara Municipal de Lisboa, como engenheiro-chefe da Repartição Técnica, serviços que acumulou com os de professor da Escola Politécnica (26.II.1853), sendo autor das seguintes obras: *Dados e Estudos para um projecto de abastecimento de águas e sua distribuição em Lisboa, mandados confeccionar pela Câmara Municipal da mesma cidade*. Lisboa, 1855; *Memória adicional à proposta feita por Francisco Martim sobre o abastecimento de águas à cidade de Lisboa*. Lisboa, 1847; *Mémoire sur les études d'amélioration et embellissements de Lisbonne*. Lisboa, 1865.

É sobre esta última brochura, de 24 páginas, in 8º, da Imprimerie Franco-Portugaise, Rue do Thesouro Velho, 6, Lisbonne, que irá versar a minha intervenção.

Essa *Memória* vem salvar os inúmeros projectos e estudos idealizados durante treze anos, que se perderam no incêndio da Câmara de 19 para 20 de Novembro de 1863 no qual foi devorado o precioso arquivo existente na Secretaria e na Repartição de Contabilidade. Esse desastre do pombalino Paço do Concelho sucederia 108 anos e 19 dias após a destruição, pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, da Casa da Câmara do Rossio.

Demonstra Pezerat, neste escrito, uma elevada dedicação à cidade, desejando-a moderna a par das principais capitais estrangeiras e lamenta a falta de recursos e de apoio do Governo, o que tem levado a Câmara a restringir a sua actividade no que se refere à pavimentação, limpeza, iluminação, serviços de águas e de incêndio, e que dispondo de uns poucos subsídios recebidos depois de 1857, e de alguns empréstimos, conseguiu realizar 6.000 metros de grandes esgotos e mais de 15.000 metros de canalização de pequena secção; construir os cais e rampas da Boa Vista e da praia de Santos; duplicar o cemitério dos Prazeres.

Mas o que preocupava Pezerat era o atraso na reconstrução e embelezamento da cidade e do porto, em comparação com o ritmo que se manifestava, lá fora, há 15 ou 20 anos nas principais capitais europeias. Para tanto, lembrava ele, a necessidade de uma legislação especial sobre expropriações, justa para com o expropriado mas também protectora dos interesses das empresas de construção.

Defendia a pavimentação pelo alcatroamento que, embora caro para uma edilidade pobre, se tornaria económica pela sua longa duração e poucos cuidados que

exige, como prova a experiência nas capitais melhor administradas.

Demonstrava, de facto, Pezerat vistas largas e generosas sobre o futuro de Lisboa, em virtude da sua excepcional situação geográfica, marítima e climática. Assim, entendia que o Tejo, com a sua benignidade e largura de ancoradouro, facilidade de entrada e beleza do seu clima, estaria talhado a ser o maior entreposto da Europa. Para tanto seria necessário construir vastas docas fechadas, cercadas de armazéns, em que as descargas se fizessem com rapidez e economia, fazendo desaparecer a lentidão das operações e a excessiva demora dos navios, ao largo, com evidentes prejuízos para os armadores e o comércio importador e exportador.

No seu projecto de cais, pugnava pela urgente necessidade do levantamento hidrográfico e geodésico da margem do Tejo desde o Arsenal da Marinha até à Torre de Belém. As docas, na zona da praia de Santos, seriam o fulcro do movimento comercial, em frente do centro da cidade e do bairro industrial (Alcântara). Este projecto foi entregue ao Duque de Loulé, em 1858, e depois remetido ao Ministério das Obras Públicas. A proposta levaria a uma conquista de terrenos ganhos ao Tejo, desde o Arsenal até à Torre de Belém, limitados por um cais em linha recta tirada a 40 metros ao Sul saindo da Torre.

Igualmente, o porto de Lisboa necessitaria de um complexo de construção naval e rampas, bem como armazéns e oficinas que um estabelecimento deste género exigem. De acordo com o projecto de James Larcher, os estaleiros nasceriam da secagem e colmatagem de toda a baía da Piedade, desde Cacilhas até à foz do Coina e lagoa do Seixal. Assim, também, se poderia prolongar o caminho de ferro do Sul, desde o Barreiro até Cacilhas.

Voltando ao aspecto municipal, e após várias considerações sobre o caminho de ferro para Sintra e as estradas para o Porto, etc., preocupa-se com as questões sociais e insiste na necessidade de se construir novos bairros para habitação, como resposta não só à carência de locação como ao inflacionamento das rendas, além dos inconvenientes da má salubridade das antigas habitações.

E denuncia, ainda, que faltam em Lisboa, edifícios públicos: um palácio de Justiça, uma academia de Belas Artes, uma Biblioteca pública, mercados, numerosas escolas primárias e secundárias, bancos, instalações de banho público e lavadouros, sendo o mais importante a

estabelecer o do tanque das alcaçarias de Alfama.

O alargamento da cidade, para além da sua cintura, com vastos e belos lugares, seria executado com casas tendo todas as regras modernas de arquitectura e higiene. Entendia Pezerat que todo o particular que quisesse construir deveria solicitar autorização à Câmara com a apresentação de um projecto com as fachadas, planos de distribuição interior e cortes da construção. Para esse fim era urgente publicar-se legislação especial.

Depois dedica largo estudo sobre a questão da salubridade, e dos despejos domésticos, referindo-se ao tempo do despejo na via pública - esterqueiras e monturos - ou dessa prática da 'água-vai', lançada das janelas ou das portas, de sórdida memória. E, a propósito, recorda que a terrível epidemia de febre amarela de 1857 foi originada pelo mau sistema de esgotos, fazendo de cada pia privada um foco de infecção dentro de cada lar.

Preocupado com o tipo de construção, propunha Pezerat que se substituísse a madeira pelo ferro e que em vez de paredes espessas, de má alvenaria, se utilizasse bons tijolos que permitem toda a espécie de decoração e de formas. No que se refere à construção de novos bairros, e no sentido de auxiliar os construtores na amortização do capital, propõe que se poderiam construir habitações em condições vantajosas para o locatário, assegurando-lhe a propriedade da sua casa, após um certo prazo, durante o qual ele deveria amortizar o capital por um acréscimo convencionado de renda.

Pezerat propunha, ainda, que as classes abastadas vivessem em novos bairros na periferia, elegantes e confortáveis; os antigos bairros da Baixa e aqueles a serem construídos nas margens do Tejo, ficariam para o Comércio; o Bairro Alto para a classe média e a dos pequenos empregados; enfim, a Alfama para as classes pobres.

E termina afirmando que tem consciência que após esta expansão de entusiasmo terá de chocar-se com a indiferença e o cepticismo generalizado, dos que só raciocinam para negar, criticar e acusar de utopistas aqueles que acreditam no progresso pela inspiração e que sabem que estas aspirações são o resultado do pensamento e da experiência que eles chamam utopia.

*

Ao Engenheiro Pezerat fica Lisboa, daquela época, devendo, entre muitas outras obras, projectos e direcção: a construção do matadouro; o aqueduto das Francesas, na Ribeira de Carenque, em Belas; a remodelação e aperfeiçoamento do sistema de esgotos e abastecimento de águas em toda a cidade; a reconstrução do edifício e implantação das instalações da Escola Politécnica, actual Faculdade de Ciências; o edifício dos Banhos de S. Paulo.

Após uma inesperada grave doença foi a Paris (1859), para ser operado, regressando no ano seguinte, bastante incapacitado fisicamente. Já cego, faleceu em Lisboa, em 1 de Maio de 1872. Era condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo.

*

Datada de 25 de Dezembro de 1864, e com um 'addendum' de 1 de Fevereiro de 1865, esta preciosa brochura do Engenheiro-Arquitecto Pedro José Pezerat apresenta-nos inéditos aspectos dos problemas citadinos e do Tejo a uma distância de 140 anos, e é tanto mais curiosa se observarmos que só muito mais tarde alguns dos projectos citados foram realizados e outros ainda estão para as 'calendas alfacinhas'.



Associação dos Arqueólogos Portugueses

